



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE CIÊNCIAS HUMANAS  
LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

**ANA RITA DOS SANTOS ROSÁRIO SALDANHA**

**“O OLIMPO É AQUI”:**

**MITOLOGIA GREGA E RECEPÇÕES DA ANTIGUIDADE NO ENSINO DE  
HISTÓRIA POR MEIO DE *PERCY JACKSON E OS OLIMPIANOS – O LADRÃO DE  
RAIOS***

**SANTARÉM - PA**

**2024**

**ANA RITA DOS SANTOS ROSÁRIO SALDANHA**

**“O OLIMPO É AQUI”:**

**MITOLOGIA GREGA E RECEPÇÕES DA ANTIGUIDADE NO ENSINO DE  
HISTÓRIA POR MEIO DE *PERCY JACKSON E OS OLIMPIANOS – O LADRÃO DE  
RAIOS***

Trabalho de conclusão de curso, modalidade artigo, apresentado ao Curso de Licenciatura em História, para a obtenção do grau de Licenciado em História; Universidade Federal do Oeste do Pará; Instituto de Ciências da Educação.

Orientador: Prof. Dr. Douglas Mota Xavier de Lima.

**SANTARÉM - PA**

**2024**

**Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)**  
**Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/Ufopa**

---

S162o        Saldanha, Ana Rita dos Santos Rosário  
              “O Olimpo é aqui”: mitologia grega e recepções da antiguidade no ensino de história por meio de *Percy Jackson e os Olimpianos – O Ladrão de raios.*/ Ana Rita dos Santos Rosário Saldanha. – Santarém, 2024.  
              32 p.: il.  
              Inclui bibliografias.

              Orientador: Douglas Mota Xavier de Lima.  
              Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Instituto de Ciências da Educação, Licenciatura em História.

              1. Ensino de história. 2. Antiguidade Clássica. 3. Literatura infanto-juvenil. I. Lima, Douglas Mota Xavier de, *orient.* II. Título.

CDD: 23 ed. 373.4

**ANA RITA DOS SANTOS ROSÁRIO SALDANHA**

**“O OLIMPO É AQUI”:**

**MITOLOGIA GREGA E RECEPÇÕES DA ANTIGUIDADE NO ENSINO DE  
HISTÓRIA POR MEIO DE *PERCY JACKSON E OS OLIMPIANOS – O LADRÃO DE  
RAIOS***

Trabalho de conclusão de curso, modalidade artigo,  
apresentado ao Curso de Licenciatura em História, para a  
obtenção do grau de Licenciado em História;  
Universidade Federal do Oeste do Pará; Instituto de  
Ciências da Educação.

Orientador: Prof. Dr. Douglas Mota Xavier de Lima.

Conceito:

Data de aprovação: 17/10/2024.

---

Prof. Dr. Douglas Mota Xavier de Lima – Orientador  
Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA)

---

Profa. Dra. Lorena Lopes da Costa – Examinadora  
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

---

Prof. Dr. Felipe Tavares de Moraes – Examinador  
Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA)

**Santarém - PA  
2024**



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
LICENCIATURA EM HISTÓRIA

ATA DE APRESENTAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos dezessete dias do mês de outubro de dois mil e vinte e quatro, na cidade de Santarém, do Estado do Pará, na modalidade híbrida, presencialmente, na sala H202, da Unidade Rondon, da Universidade Federal do Oeste do Pará, Campus Santarém, e virtualmente, em sala virtual na plataforma de conferência virtual Google Meet, realizou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso desenvolvido por Ana Rita dos Santos Rosário Saldanha, matrícula 2020003710, intitulado "O Olimpo é aqui": **Mitologia grega e recepções da antiguidade no ensino de história por meio de Percy Jackson e os Olimpianos - O ladrão de raios**, sob orientação do(a) Prof.(a) Dr. Douglas Mota Xavier de Lima, da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA). A banca examinadora foi composta pelo(a) presidente, o docente orientador(a) citado(a), e pelos(as) seguintes membros docentes: Prof.(a) Dr.a Lorena Lopes da Costa, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, e Prof. Dr. Felipe Tavares de Moraes, da Universidade Federal do Oeste do Pará. Após a defesa e análise do TCC, considerando a qualidade deste trabalho, a banca deferiu pela (X) aprovação/( ) reprovação do TCC, atribuindo ao mesmo a nota 10.0. Fica acordado que a referida nota está condicionada à entrega da versão final do trabalho, no prazo máximo de 15 dias, a partir desta data, e o mesmo deverá contemplar as observações da banca examinadora. Proclamados os resultados pelo(a) presidente da banca, foram encerrados os trabalhos e, para constar, eu Dougla Mota Xavier de Lima, lavrei a presente ata, que será assinada pelo autor e membros da banca examinadora.


Documento assinado digitalmente

Autor:  ANA RITA DOS SANTOS ROSARIO SALDANHA  
Data: 24/10/2024 10:10:07-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>


Documento assinado digitalmente

Orientador(a):  DOUGLAS MOTA XAVIER DE LIMA  
Data: 23/10/2024 15:26:16-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Documento assinado digitalmente

 LORENA LOPES DA COSTA  
Data: 28/10/2024 11:13:24-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Documento assinado digitalmente

 FELIPE TAVARES DE MORAES  
Data: 31/10/2024 10:38:11-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Examinador(a):.....

Examinador(a):.....

## **DEDICATÓRIA**

Dedico esse trabalho a minha família que ainda na infância me incentivou a ler, pois, sem as madrugadas em claro lendo, eu jamais teria conhecido Percy Jackson, não teria me apaixonado pela Mitologia Grega, e muito menos me dedicado a essa pesquisa.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço à minha avó Wanda, que me deu a notícia da minha aprovação e veio de Belém para me acompanhar no primeiro dia na universidade. Infelizmente, a senhora não está mais aqui para minha formatura, mas sei que está orgulhosa por mais um membro da família se formar. Assim, agradeço à minha família, que sempre deixou claro a importância de se dedicar à educação, e me deu suporte diante as diversas adversidades que ocorreram desde o início de minha trajetória acadêmica.

À minha mãe Ana Carolina e às minhas irmãs Ana Clara e Ana Maria, que fizeram loucuras para que nos mudássemos e eu pudesse iniciar a graduação, agradeço pela coragem de vocês e pelo apoio. Aos meus avós, Ivanildo e Regiane, que me deram suporte para conseguir me dedicar aos estudos. À minha tia Ana Júlia, que eu vi passar de uma adolescente brincalhona para uma universitária caótica, até se tornar uma farmacêutica incrível, agradeço por ter sido a minha referência, mesmo de longe. À minha família, de modo geral, que sempre manifesta seu reconhecimento pelo exercício da educação.

Agradeço ao meu namorado Patrick, que me ouviu falar repetidas vezes sobre mitologia grega e Percy Jackson mesmo as vezes não conseguindo entender nada do que eu estava falando, e se manteve firme na crença de que eu sou inteligente e competente, mesmo quando nem eu acreditava nisso. Agradeço à Yasmin, minha cunhada e amiga, que usei como experimento para ler Percy Jackson e explicar algumas das minhas pesquisas sobre ensino, o fato de ter virado fã da saga e ter aprendido com ela ainda na transição da infância para adolescência me fez reafirmar a crença na minha pesquisa. Agradeço também a inúmeras amizades, que por mais que não caibam como menção individual, reconheço como importantes na minha vivência na universidade, pois, diante a complexidade dos estudos acadêmicos, é necessário estabelecer vínculos para que essa experiência seja mais agradável.

Por último, e não menos importante, agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Douglas Lima, que mesmo sendo medievalista aceitou me orientar por dois anos no estudo da Antiguidade, e abraçou a minha ideia de pesquisa sem julgamentos ou tentativas de a substituir para alguma temática da sua área. Sou grata pois sei o quanto teve que estudar para que pudesse me ensinar, sem o seu apoio, disponibilidade e dedicação eu teria desistido da pesquisa da antiguidade e esse seria só um trabalho feito para que acabasse logo a faculdade. Espero que o vínculo criado me faça ainda poder recorrer a sua orientação mesmo após o fim dessa etapa.

## EPÍGRAFE

“Por toda a minha volta os campistas começaram a se ajoelhar [...].  
- Meu pai? - Perguntei, completamente perplexo.  
- Poseidon - disse Quíron. - Senhor dos terremotos. Portador das Tempestades. Pai dos Cavalos. Salve, Perseu Jackson, Filho do Deus do Mar” (Riordan, 2014, p. 134)

## RESUMO

O ensino de história, atualmente, demanda a inserção de múltiplas linguagens em sala de aula, permitindo uma formação diversa, crítica e articulada às experiências dos estudantes. Por sua vez, as pesquisas sobre o ensino de história antiga também afirmam a importância da aproximação do conteúdo dos estudantes, sendo uma dessas vias a problematização das recepções contemporâneas da antiguidade, demonstrando que o mundo antigo pode ser abordado a partir de suas apropriações no tempo presente. Com base em tais discussões, a pesquisa tem como objetivo discutir o potencial da literatura infanto-juvenil para o ensino de história antiga na Educação Básica, tendo como eixo temático a mitologia grega, por meio da obra *Percy Jackson e os Olimpianos*, de Rick Riordan. A investigação estruturou-se em torno de duas discussões teóricas: a definição de mito e religião na Grécia antiga, usando para tal os aportes de Jean-Pierre Vernant e Paul Veyne; e o conceito de recepções da antiguidade, com base, principalmente, em Charles Martindale. Para o estudo, foi utilizado o volume 1 da coleção de Riordan, intitulado “O ladrão de raios”, material que foi trabalhado tematicamente a partir dos aportes teóricos mencionados. O artigo demonstra que é possível partir da literatura infanto-juvenil para a construção de um ensino de história que desperte o interesse do aluno, sendo a mitologia grega, especialmente acessada pelas releituras contemporâneas, uma via potencial para tal proposta.

**Palavras-chave:** Ensino de história. Antiguidade Clássica. Literatura infanto-juvenil. Recepções da Antiguidade.

## ABSTRACT

The teaching of history today requires the inclusion of multiple languages in the classroom, fostering a diverse and critical education that connects to students' experiences. Research into the teaching of ancient history reinforces the importance of making content more accessible to students. One effective approach is to examine contemporary interpretations of antiquity, illustrating how the ancient world can be explored through its modern appropriations. Based on these discussions, this research aims to investigate the potential of children's and young adult literature for teaching ancient history in primary education, focusing on Greek mythology as the central theme, particularly through Rick Riordan's *Percy Jackson and the Olympians*. The research is structured around two theoretical frameworks: the definitions of myth and religion in ancient Greece, drawing on the works of Jean-Pierre Vernant and Paul Veyne, and the concept of receptions of antiquity, primarily based on the insights of Charles Martindale. The study analyzes the first volume of Riordan's series, titled *The Lightning Thief*, thematically informed by the aforementioned theoretical contributions. The article demonstrates that using children's and young adult literature can effectively engage students in history education, and that Greek mythology—especially when approached through contemporary reinterpretations—offers a valuable avenue for this educational strategy.

**Keywords:** Teaching of History. Classical Antiquity. Children's and Young Adult Literature. Receptions of Antiquity.

## SUMÁRIO

|  |           |
|--|-----------|
| <b>1. INTRODUÇÃO .....</b>   | <b>1</b>  |
| <b>2. “O OLIMPO É AQUI”:MITOLOGIA GREGA E RECEPÇÕES DA ANTIGUIDADE NO ENSINO DE HISTÓRIA POR MEIO DE PERCY JACKSON E OS OLIMPIANOS – O LADRÃO DE RAIOS .....</b> | <b>3</b>  |
| <b>2.1 Mito e religião na Grécia antiga .....</b>  | <b>3</b>  |
| <b>2.2 Recepções da antiguidade.....</b>   | <b>7</b>  |
| <b>2.3 História Antiga no ensino de história.....</b>  | <b>10</b> |
| <b>2.4 Percy Jackson na sala de aula.....</b>  | <b>12</b> |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>   | <b>19</b> |
| <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>  | <b>21</b> |

## 1. INTRODUÇÃO

Olhe, eu não queria ser um meio-sangue. Se você está lendo isso porque acha que pode ser um, meu conselho é o seguinte: feche este livro agora mesmo<sup>1</sup>.

Essa é a frase que dá início a jornada dos leitores da série literária do autor norte-americano Rick Riordan (1964-), intitulada Percy Jackson e os Olimpianos (título original *Percy Jackson & the Olympians*). A série é composta por cinco livros<sup>2</sup> que foram publicados nos Estados Unidos pela editora Miramax Books, entre os anos de 2005 e 2009, chegando ao Brasil, em 2008, pela editora Intrínseca. Com grande sucesso editorial, Percy Jackson e os Olimpianos vendeu cerca de 15 milhões de exemplares, sendo 1 milhão no Brasil. Devido ao sucesso dos livros, a série foi adaptada para o cinema, com os filmes Percy Jackson e o Ladrão de Raios (2010) e Percy Jackson e o Mar de Monstros (2013), e, recentemente, para o streaming da Disney+, com o título Percy Jackson e os Olimpianos (2023), contendo 8 episódios.

A narrativa se estrutura em torno de um adolescente de 12 anos, da cidade de Nova Iorque, que descobre ser filho de Poseidon, deus grego do mar, o que o faz participar de uma série de aventuras que envolvem personagens e cenários que englobam a mitologia grega, proporcionando ao leitor uma aproximação com a temática, ainda que ambientada no século XXI. A trama da obra convida, assim, à reflexão acerca da mitologia grega, assim como de questões relativas ao campo da recepção dos clássicos.

Em Percy Jackson e os Olimpianos - O ladrão de raios, primeiro volume da série e livro selecionado como referência da presente pesquisa, há o início da trajetória heroica de Percy Jackson, por isso, foi realizado um recorte temático baseado nas relações entre a mitologia e as adaptações feitas durante o livro para incluí-la na contemporaneidade. Na narrativa, os deuses do Olimpo permanecem vivos, mas escondidos, mudando sua localização de acordo com o que Riordan descreve como centro do poder da civilização ocidental<sup>3</sup>, o que justifica a mudança dos deuses do Monte Olimpo, na Grécia, para o Empire State Building, em Nova Iorque. Percy tem seu nome inspirado em Perseu, semideus filho de Poseidon, pois Sally, mãe de Percy, almejava que o filho, por mais que enfrentasse adversidades, conseguisse alcançar o seu final feliz, assim como o semideus da antiguidade.

---

<sup>1</sup> RIORDAN, Rick. **Percy Jackson e os Olimpianos - O ladrão de raios**. Trad. Ricardo Gouveia. 3. ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014, p. 9.

<sup>2</sup> Os livros são: “O ladrão de raios”, “O mar de monstros”, “A maldição do titã”, “A batalha do labirinto” e “O último olimpiano”.

<sup>3</sup> RIORDAN, Rick. Idem, p. 80-81.

De fato, Percy enfrenta uma série de contratempos, sendo descrito como problemático, condição associada ao fato de a personagem ter déficit de atenção e hiperatividade (TDAH). Além disso, eventos incomuns ocorrem com ele, como quando o jovem descobre que a sua professora é, na verdade, uma Fúria<sup>4</sup>, ou quando vê monstros e compreende grego antigo. Como solução narrativa para os embaraços vividos pela personagem, descobre ser um filho proibido de Poseidon<sup>5</sup>, fruto de um relacionamento que não deveria ter ocorrido<sup>6</sup>. Assim, a aventura de Percy tem início quando os monstros da mitologia grega conseguem rastreá-lo no mundo dos mortais e, por acreditarem que ele roubou o raio mestre de Zeus, Percy precisa buscar meios para se inocentar. Para isso, parte em uma missão com Annabeth Chase, semideusa filha de Atena, e Grover Underwood, sátiro protetor. Em sua jornada, Percy tem contato com os mitos na contemporaneidade, cenário no qual Riordan constrói a sua própria leitura da Antiguidade Clássica.

Os mitos, como são denominados os relatos da antiguidade utilizados para explicar diversos aspectos da sociedade, como as práticas religiosas, origem do universo e narrativas heroicas, foram transmitidos oralmente e propagados além dos limites da sociedade grega antiga, tendo exercido influência nas produções do século XXI voltadas à cultura de massa, como novelas, produções literárias e cinematográficas amplamente consumidas. Assim, as narrativas produzidas na Antiguidade grega ainda são apropriadas na contemporaneidade e, por mais que estejam carregadas de características modernas, oferecem pontos de contato com a Antiguidade Clássica. É nesse contexto que se encaixa a saga literária infanto-juvenil *Percy Jackson e os Olimpianos* e nossa discussão, que se estrutura a partir dos seguintes tópicos: Mito e religião na Grécia Antiga, onde é feita uma análise sobre mito e sua importância no estudo da antiguidade grega; Recepções da antiguidade, onde se discute sobre o campo das recepções para perceber como é feita a compreensão do clássico a partir de suas manifestações da contemporaneidade; História Antiga no ensino de História, onde há o debate acerca da necessidade de inovação em sala de aula para cativar o aluno e; Percy Jackson em sala de aula, onde são feitos os apontamentos sobre a utilização da fonte para possíveis debates.

---

<sup>4</sup> Na obra, assumem o papel de torturadoras de Hades. Normalmente chamadas de Benevolentes, para que seu nome não seja mencionado.

<sup>5</sup> “Deus do mar, filho do titã Cronos. [...] Sua arma era um tridente”. RIORDAN, R. *Percy Jackson e os Olimpianos: Guia Definitivo*. 2012, p. 67.

<sup>6</sup> De acordo com a obra, Poseidon, Hades e Zeus, após a Segunda Guerra Mundial – que na saga é realizada por semideuses –, prometem não procriar novamente, pois os semideuses provenientes de seus relacionamentos com humanos poderiam ser um risco para a humanidade.

## 2. “O OLIMPO É AQUI”:MITOLOGIA GREGA E RECEPÇÕES DA ANTIGUIDADE NO ENSINO DE HISTÓRIA POR MEIO DE PERCY JACKSON E OS OLIMPIANOS – O LADRÃO DE RAIOS

### 2.1 Mito e religião na Grécia antiga

De acordo com Pedro Paulo Funari, os gregos antigos, para explicar as diversas especificidades do seu mundo, utilizavam de um relato, o mito, e com ele era possível compreender as particularidades de toda a construção daquela sociedade, tal qual a que se refere ao romance, surgimento do mundo e sorte dos humanos, assim como a sua finitude em relação aos deuses, que eram imortais e poderosos. O mito grego não era comum a todos os gregos, havendo particularidades de acordo com os diferentes regimes políticos e sociais que os originaram, por isso, Funari discute sobre religiosidades gregas, no plural<sup>7</sup>.

Os gregos antigos não compunham um estado, mas se definiam como helenos e tinham seus dialetos e crenças semelhantes, por isso, Funari pontua que onde houvesse um grego, haveria uma religiosidade grega. Essa religiosidade se baseava em crenças que acreditavam ser compostas por suposições feitas para suprir a lacuna tida sobre o que não conseguiam explicar<sup>8</sup>. Pelos elementos expostos, nota-se que definir mito/mitologia e religião na Grécia Antiga não é uma tarefa simples, posto que diversas significações lhe são dadas de acordo com o período de formulação da definição e a área que tenta executar essa tarefa. Ao buscar conceituar mito/mitologia é inevitável se deparar com descrições que o(a) abordam como inverídicas e, por vezes, absurdas, afirmações que geralmente buscam invalidar a análise histórica dos relatos mitológicos. Entretanto, diversas áreas fogem dessas percepções pejorativas e promovem diferentes interpretações. Kalina Silva e Maciel Silva apresentam o seguinte panorama dessas correntes:

[...] a naturalista, que considera os mitos uma tradução das forças da natureza; a historicista, que considera que o mito é uma representação de episódios verdadeiros do passado; a funcionalista, [...] que afirma que o mito tem uma função social específica, religiosa, moral, ou de busca de conhecimento; a psicanalítica, que usa o mito como fonte de conhecimento da mente humana; e a estruturalista, [...] que busca no mito dados sobre as estruturas sociais<sup>9</sup>.

---

<sup>7</sup> FUNARI, Pedro Paulo. Gregos. In FUNARI, Pedro Paulo. **As religiões que o mundo esqueceu**: como egípcios, gregos, celtas, astecas, e outros povos cultuavam seus deuses. Editora Contexto, 2015, p. 37.

<sup>8</sup> FUNARI, Pedro Paulo. Idem, p. 39.

<sup>9</sup> SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. Mito. **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo: Editora Contexto, 2010, p. 294.

É inegável a relevância da mitologia para que haja a compreensão da Antiguidade grega, já que tal questão influencia diversos aspectos que compunham a sociedade e eram determinantes em seu funcionamento. Os relatos sobre deuses e heróis que formam a chamada mitologia grega eram usados para explicar os rituais religiosos, momentos do passado da sociedade e práticas do presente. Em vez de apenas serem belas histórias, fábulas fictícias, contos imemoriais ou narrativas absurdas e primitivas, ao longo do século passado os mitos alcançaram outro estatuto no campo das Ciências Humanas e foram interpretados de forma científica, deixando a ideia de relatos incompreensíveis e passando a constituírem as categorias que permitiam aos gregos pensar a realidade cotidiana e os acontecimentos.<sup>10</sup> Deve-se, assim, priorizar a análise da mitologia e suas dimensões antes de qualquer discussão sobre a sociedade grega antiga, explorando o modo como ela foi abordada pelas ciências, antes de analisar o seu papel específico na antiguidade grega.

Ao tratar da mitologia, Jean-Pierre Vernant ressalta o quão essencial ela é para que se compreenda como eram os gregos, visto que, segundo sua análise, nada seriam eles sem os mitos, pois: “não havia uma restrição ou qualquer limite que os mitos não pudessem ultrapassar nas diversas esferas da vida, portanto, o religioso, social, doméstico e cívico estavam conectados diretamente a religião grega”<sup>11</sup>. Sendo assim, o mito, enquanto religião, era o que definia os antigos gregos, o que moldava todos os aspectos da sua vida e fazia com que os diversos povos gregos pudessem ser lembrados como portadores de uma religião comum. Contribuindo a essa concepção, Marcel Detienne, ao discorrer sobre mitologia, explica que essa é a palavra e coisa que melhor compõe uma definição do que é a antiguidade grega, e que estudar o mito e o seu imaginário, é reconhecer a empolgação que ele desencadeia consecutivamente na sociedade.<sup>12</sup>

Na perspectiva de Vernant, há certa versatilidade na forma como a religião se constituiu para os gregos, principalmente pela forma como ela se reproduzia na sociedade, não havendo meios que se preocupassem em definir regras ou limites para sua execução. A crença se moldava desde a infância, expondo o sujeito a ouvir as narrativas e possibilitando diversas interpretações, e é nesse sentido que se deve mencionar a importância da tradição oral, que se

---

<sup>10</sup> MOSSÉ, Claude. Mitologia. In: **Dicionário da Civilização grega**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004, p. 203-204.

<sup>11</sup> VERNANT, Jean-Pierre. **Mito e religião na Grécia Antiga**. São Paulo: Martins Fontes, 2009, p. 7.

<sup>12</sup> DETIENNE, Marcel. **Gregos e nós (Os)**. Edições Loyola, 2008, p. 25.

manifestava principalmente através da poesia, que é definida por Vernant como sendo a responsável pela existência da religião grega, no singular<sup>13</sup>.

Além disso, outro ponto importante acerca da visão sobre o mito na Grécia Antiga, é definir se ele se encaixa em um debate religioso ou literário. Nesse ponto, os argumentos de Paul Veyne são fundamentais. De acordo com Veyne, a verdade que fundamenta os mitos é complexa em sua formação, visto que nela se inclui o elemento lendário, que faz com que haja uma linha tênue entre realidade e ficção. Assim, o mito não deve ser analisado seguindo a concepção de que ele é verdadeiro ou falso, pois antes de qualquer outra interpretação ser feita sobre o mito, ele não era uma "tradição" histórica<sup>14</sup>, e sim uma informação, pois, segundo o autor: "O mito não é um modo de pensamento específico; é apenas conhecimento por informação, aplicado a campos de saber que, para nós, pertencem a controvérsia, à experimentação etc."<sup>15</sup>

Conforme a argumentação proposta por Veyne, quando o conhecimento passa a ser associado com a ciência, surge uma problemática que assola os mitos, já que o que é verdadeiro e falso passa a ser critério essencial da ciência e os historiadores passam a considerar o mito e a literatura mitológica apenas uma "tradição" local, sendo que em sua composição há uma variedade de informações que não se limitam ao maravilhoso. Para Veyne, fatos precisos sobre diversos assuntos também se fazem presentes na mitologia, como nomes e patronímicos dos heróis, a indicação do lugar onde ocorreram acontecimentos etc.<sup>16</sup>

Ao analisar a historiografia do século XX, Vernant problematiza esse afastamento dos historiadores ao analisarem a religião grega, pois as tradições lendárias não eram tidas como documentos apropriados para se obter uma construção real. Para Vernant, a religião grega reside na organização do culto, no calendário das festas sagradas, nas liturgias de cada divindade em seu santuário, sendo nessas práticas rituais, "que formam o autêntico terreno fértil onde se enraíza os comportamentos religiosos", que o mito aparece como excrescência literária, como pura fabulação.<sup>17</sup>

A princípio, tentou-se apresentar diversos fatores que englobam a construção do mito na Grécia antiga, tanto no que tange a religião e a historiografia, quanto no que se refere

---

<sup>13</sup> Consoante a essa afirmação, Veyne pontua que "Se não existissem todas as obras da poesia épica, lírica, dramática, poder-se-ia falar de cultos gregos no plural, mas não de uma religião grega". VEYNE, Paul. **Acreditavam os gregos em seus mitos?** São Paulo: editora da Unesp, 2014, p. 16.

<sup>14</sup> A partir da visão de Tucídides o mito se encaixa em uma "tradição histórica", baseada em repassar o que lembravam sobre determinado acontecimento aos descendentes, portanto, era uma reprodução de uma história cuja fonte se desconhecia. Ibidem, p. 45.

<sup>15</sup> Ibidem. p. 46.

<sup>16</sup> Ibidem. p. 47.

<sup>17</sup> VERNANT, Jean-Pierre. Idem, p. 20.

ao seu viés fantástico e como ele era encarado. Não obstante, é importante fazer uma análise mais cautelosa sobre os dois últimos pontos, como a religião se impunha na vida dos gregos, em quais aspectos ela interferia e como se estabeleceu na sociedade. Com isso, cabe evidenciar a resposta à pergunta feita por Veyne no título de sua obra, “Os gregos acreditavam em seus mitos?”.

Segundo Veyne, a resposta é que os gregos acreditavam nos mitos, e a explicação passa necessariamente pela noção de verdade. Para o autor: “Existe uma pluralidade de programas de verdade através dos séculos”<sup>18</sup>. Essa frase é crucial para entender sua concepção, pois a crença nos mitos vai variar de acordo com o programa de verdade existente. Na realidade, conforme Veyne, o mito não pode ser considerado uma verdade, tampouco uma mentira, pois não havia interesse em o integrar em uma dessas concepções. Destarte, a veracidade dos mitos era mesclada a inverdades contadas por poetas, mas ambas eram assimiladas da mesma forma pelos ouvintes, com o seu caráter verbal dispendo de maior relevância em relação a tais questões. Veyne afirma que há dois métodos de se escrever e ler a história, um que almeja informação e outro o divertimento. A fronteira que os separa muda em cada sociedade e o mito se encaixa em um local onde a ciência era divertida. Tomando o exemplo da *Ilíada*, nota-se que ela contém essa característica, pois, mesmo que seja em grande parte histórica, a obra demonstra que quando o leitor buscava diversão o historiador grego utilizava meios para ofertá-la. Consoante Veyne: “A história também é um romance com fatos e nomes próprios”<sup>19</sup>; e, ao invés de escolher tratar o modo como eram escritas as tradições lendárias como contrárias à razão e exclusivas da literatura, ele as tem como exemplo de como construir uma história que não se limita a análise de especialistas, já que o mito era presente nas diversas camadas da sociedade grega, contendo ficção e história e as repassando de modo acessível. Os poetas gregos conseguiram, assim, algo que os historiadores modernos costumam fracassar, fizeram com que a população que não é especialista em história adquirisse conhecimentos do passado e, por isso, a mitologia em toda a sua complexidade deve ser continuamente analisada, para que se a tenha como exemplo.

Diante do exposto, é possível a compreensão de algumas das contribuições feitas por Vernant e Veyne para o entendimento acerca da mitologia grega, que é de suma importância para compreender a Antiguidade Clássica. A partir da análise sobre as particularidades das concepções de cada um deles, compreende-se a interferência do mito nas diferentes esferas da sociedade grega e a percepção de verdade que os gregos possuíam a seu respeito, sendo possível

---

<sup>18</sup> VEYNE, Paul. Idem, p. 53

<sup>19</sup> Ibidem, p. 164.

entender a complexidade da mitologia nesses aspectos. Observa-se ainda que a tradição grega rompeu as barreiras postas pelo tempo, sendo reinterpretadas em diferentes épocas e por diferentes sociedades. Ademais, ao tratar de Antiguidade Grega, evidencia-se a familiaridade que existe na atualidade sobre os mitos gregos, propagados pelo tempo de forma tão eficaz que a sociedade atual não só os conhece, como os tem representado em diversas obras de sua literatura e cinema, por exemplo, pois a mitologia serve como inspiração para diversas obras e o estudo da recepção da antiguidade grega na atualidade faz com que se perceba a influência do passado para o presente.

## 2.2 Recepções da antiguidade

O campo de estudos clássicos que mais cresce na atualidade é o que se refere às recepções da antiguidade na contemporaneidade, por isso, deve-se discutir essa temática e a sua importância. Em linhas gerais, o campo propõe a necessidade de compreensão do clássico a partir de suas manifestações na contemporaneidade, ou seja, analisa a relação entre o antigo e o moderno.<sup>20</sup> Além disso, como menciona Lorena Lopes da Costa, ao buscar elencar evidências sobre a relevância dos estudos clássicos no presente, percebe-se que a importância deles só é notada a partir do confronto tido através das pesquisas<sup>21</sup>.

A relação entre o mundo greco-romano e a recepção da Antiguidade Clássica é enfatizada nos estudos da área, pois essa reutilização do passado em diferentes culturas teve início com os romanos, que se apropriaram de costumes e crenças gregas para moldar sua sociedade. Entretanto, a recepção do passado não interferiu apenas no caso de Roma, tendo desencadeado uma série de estudos sobre a forma que o passado é emitido para as outras épocas e como ele é recepcionado por elas. Desse modo, para compreender a recepção, Silva, Funari e Garraffoni explicam que:

Recepção chama a atenção para a transmissão de algo dos produtores para os receptores, em uma metáfora da teoria da comunicação: recepção do som, de imagem, de informações. Há, pois, uma ênfase na emissão, e isso explica toda a atenção com a recuperação ou reconstrução dos textos e monumentos originais. Isso já estava presente na preocupação dos humanistas modernos

---

<sup>20</sup> HARDWICK, Lorna. **Reception studies**. Cambridge University Press, 2003, p. 4.

<sup>21</sup> COSTA, Lorena Lopes. Penélope e seu kéos na nova Odisseia de Margaret Atwood. **Heródoto: Revista do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre a Antiguidade Clássica e suas Conexões Afro-asiáticas**, v. 7, n. 1, 2022, p. 77-78.

que buscavam retirar das cópias manuscritas medievais a lição mais próxima daquela ditada ou escrita pelos autores<sup>22</sup>.

Assim, esse termo se refere a forma como a Antiguidade é transmitida aos receptores, havendo uma preocupação com a forma que ela é transmitida, portanto, também se relaciona ao modo que o passado se recriou a partir das fontes, pois por mais que haja a preocupação de se apropriar e reconstruir as fontes as quais os autores buscavam discutir, há uma influência de sua própria época e crenças pessoais que interferem nesse contexto. Além disso, Anastasia Bakogianni pontua que, tratando-se de conceitos, recepção está diretamente relacionada à Antiguidade Clássica, pois:

No Oxford English Dictionary, o termo recepção é definido como “a aceitação de ideias ou impressões na mente”<sup>23</sup>. Sua raiz é dada como a da palavra grega αἴσθησις (percepção) e a dos verbos em latim recipero (recuperar/ recobrar) e recipio (recuperar), sendo esta última a forma que linguisticamente originou nosso termo moderno de ‘recepção’<sup>23</sup>.

Com isso, entende-se que o estudo da recepção dos clássicos, segundo Bakogianni, parte do pressuposto de que os textos clássicos são controversos, pois todos passam por diversos processos de interpretação a partir de uma recuperação de diversas fontes. Desse modo, a recepção dos clássicos, diz mais a respeito do tempo que a interpreta do que a sua intenção ao ser escrito a princípio, pois a recepção feita do texto ocorre de forma única por cada leitor, tendo diversas variáveis responsáveis por isso, como sua educação e experiências pessoais.

Nesse sentido, é importante compreender que as interpretações feitas dos textos não podem ser consideradas incorretas, essa variabilidade apenas faz com que o texto clássico seja considerado plural, já que não possui uma única maneira de ser interpretado. Desse modo, o estudo da recepção dos clássicos leva em consideração que ele deve ser entendido não só por si próprio e pela sua construção, mas sim com a perspectiva que surge da recepção que ele possui ao ser lido e interpretado na atualidade. Tal questão não deve ser ignorada, pois, segundo Hardwick, o acesso aos textos clássicos é tido, a priori, a partir do contato com as interpretações feitas sobre ele, principalmente devido à questão da acessibilidade às fontes<sup>24</sup>.

---

<sup>22</sup> SILVA, Glaydson José da; FUNARI, Pedro Paulo; GARRAFFONI, Renata Senna. Recepções da Antiguidade e usos do passado: estabelecimento dos campos e sua presença na realidade brasileira. **Revista Brasileira de História**, v. 40, n. 84, 2020, p. 44.

<sup>23</sup> BAKOGIANNI, Anastasia. O que há de tão ‘clássico’ na recepção dos clássicos? Teorias, metodologias e perspectivas futuras. **Codex: Revista de Estudos Clássicos**, v. 4, n. 1, 2016, p. 115.

<sup>24</sup> HARDWICK. Idem, p. 5.

As discussões acerca das recepções da antiguidade são fundamentais por romperem com a concepção de que o “mundo antigo nos chega tal como uma herança, secularmente intacta, nunca afetada pelas dimensões do tempo”<sup>25</sup>. Elas ressaltam que o leitor/receptor tem papel ativo e interativo com o que consome sobre a Antiguidade, estabelecendo uma relação dinâmica com o texto clássico. De acordo com Charles Martindale, o clássico é tão antigo quanto moderno, consoante a isso, Bakogianni explica que: “A recepção nos convida a revelar nossos interesses pessoais e como estes agem como uma lente, através da qual a nossa compreensão dos clássicos greco-romanos e a história da sua recepção é filtrada e, às vezes, distorcida”<sup>26</sup>.

Tal constatação revela a variabilidade da interpretação dos clássicos, constantemente afetados pelas concepções que a contemporaneidade nos condiciona a possuir, o que pode influenciar diretamente na forma como se recebe os clássicos, pois, para Martindale: “nenhuma obra tem seu significado integralmente determinado pela sua origem, daí a importância capital da recepção. Precisamos do passado para fazermos do presente algo novo, razão pela qual o passado importa tanto quanto o presente”<sup>27</sup>. Consoante a isso, Lorena Lopes da Costa faz uso do termo “processo de falsificação”, para tratar de questões como o questionamento, a desconstrução e a reconstrução dos mitos, ou seja, sobre a variabilidade do uso do mito. A autora expõe que na tradição ocidental são variadas as formas de ressignificação do mito para que ele possa “servir a um novo produto, a algo distinto do mito”<sup>28</sup>.

Portanto, compreende-se que a recepção dos clássicos é, acima de tudo, plural, podendo ocorrer de diversas maneiras, visto que há influência do receptor na sua leitura e na forma como a assimila. Assim, a preocupação em como a recepção dos clássicos ocorre nos séculos posteriores a sua origem, sofre diversas alterações, por essa razão esse campo de estudos também visa analisar as modificações que o contato entre emissor e receptor desencadeiam nos clássicos, priorizando a existência de uma leitura onde o receptor tem papel ativo na forma como interpreta.

Uma perspectiva que contribui com a discussão proposta aqui é a exposta por Charles Martindale<sup>29</sup>, pois ele expõe que a recepção possibilitou uma nova perspectiva sobre o

---

<sup>25</sup> SILVA, Glaydson José da; FUNARI, Pedro Paulo; GARRAFFONI, Renata Senna. Idem, p. 45.

<sup>26</sup> BAKOGIANNI, Anastasia. Idem, p. 118.

<sup>27</sup> MARTINDALE, 2013, p. 181 apud SILVA, Glaydson José da; FUNARI, Pedro Paulo; GARRAFFONI, Renata Senna. Idem, p. 46.

<sup>28</sup> COSTA, Lorena Lopes da. Heróis antigos e modernos: a falsificação para se pensar a história. 1. ed. Belo Horizonte: Fino Traço, 2018, p. 13.

<sup>29</sup> MARTINDALE, Charles. Thinking Through Reception: Introduction. In: MARTINDALE, Charles; THOMAS, Richard (ed.). *Classics and the Uses of Reception* Malden: Blackwell Publishing, 2006, p. 1-13.

que são os “clássicos”, partindo da modificação da forma de tratamento tradicional tida com eles. Percebe-se que, conforme o autor, os textos clássicos não se enquadram em uma categoria imutável, podendo desencadear uma série de estudos amplos sobre a temática, atentos às cadeias de recepções da antiguidade. Permitir o diálogo entre passado e presente é uma das questões impostas como essenciais para a interpretação dos clássicos, assim, segundo Martindale, não existe a possibilidade de o clássico chegar até nós sem que ele seja afetado pela ressignificação feita por cada geração de leitores que entrou em contato com ele, o que reafirma o papel ativo e interativo da recepção<sup>30</sup>.

### 2.3 História Antiga no ensino de história

No Brasil, as últimas décadas marcam, inegavelmente, a afirmação do campo da História Antiga, com notório aumento das pesquisas na área<sup>31</sup>. Contudo, por mais que haja maior empenho em compreender a Antiguidade por parte dos pesquisadores, em sala de aula as problemáticas que assolam o ensino de história antiga são persistentes, principalmente devido aos “muitos erros de conceituação, repetição de conteúdos, falta de conexão com a realidade do aluno, e aulas acrílicas [...]”<sup>32</sup>. Ademais, mesmo havendo interesse crescente pela área, dentro e fora do meio acadêmico, ao se analisar os embates em torno da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), percebe-se, a priori, uma constante tentativa de exclusão da área na Educação Básica<sup>33</sup>.

Contra essas tendências, as pesquisas acerca do mundo antigo têm evidenciado que o estudo da antiguidade serve não só como uma forma de se aproximar do passado e compreender suas nuances, mas como uma ponte que estabelece relações entre passado e presente. Deste modo, entende-se que as civilizações greco-romanas, enfatizadas na BNCC, podem ser trabalhadas na sala de aula de forma que se estabeleça relações com a contemporaneidade, fazendo com que seja evidente os seus desdobramentos na atualidade. Nesse debate, segundo Funari e Garraffoni<sup>34</sup>, é tarefa dos historiadores buscar compreender a

---

<sup>30</sup> MARTINDALE, Charles. **Redeeming the text**: Latin poetry and the hermeneutics of reception. New York: Cambridge University Press, 1993, p. 7.

<sup>31</sup> SILVA, Semíramis Corsi. Aspectos do ensino de história antiga no Brasil: algumas observações. **Alétheia- Estudos sobre Antiguidade e Medieval**, v. 1, n. 1, 2010.

<sup>32</sup> Ibidem, p. 149.

<sup>33</sup> LEITE, Priscilla Gontijo. Ensino de História, Reformas do Ensino e Percepções da Antiguidade: apontamentos a partir da atual conjuntura brasileira. **Mare Nostrum**, v. 8, n. 8, 2017, p. 13-29.

<sup>34</sup> FUNARI, Pedro Paulo A.; GARRAFFONI, Renata Senna. História Antiga na sala de aula. **Textos Didáticos**, n. 51, 2004, p. 95-107.

relação entre a modernidade e a antiguidade, produzindo um diálogo entre passado e presente, assim como problematizar a apropriação dos textos clássicos, suscitando novas possibilidades de diálogos ao trabalhar a herança dos clássicos de forma crítica.

Pedro Paulo Funari<sup>35</sup>, ao discorrer acerca do ensino de História Antiga em sala de aula, defende a sua importância para formação intelectual dos alunos, além de demonstrar a importância de o professor usar recursos que tornem a aula agradável. Dessa forma, consoante Semíramis Corsi Silva<sup>36</sup>, o docente deve estar em constante pesquisa, buscando ferramentas que captem a atenção dos alunos, como a possibilidade de incluir filmes, séries, jogos e literatura, por exemplo, na dinâmica de ensino-aprendizagem, recursos que podem aproximar do ambiente escolar o conhecimento prévio dos alunos sobre a antiguidade.

Funari ressalta ainda que os conteúdos que englobam a História Antiga passam por inovações interpretativas, o que proporciona novas maneiras de se debater seus componentes, partindo da concepção de que a História é uma construção historiográfica, não algo pronto que deve ser decorado pelos alunos. Além disso, de acordo com Funari e Garraffoni<sup>37</sup>, na contemporaneidade surgiram diversos fatores que contribuem para novas interpretações sobre a Antiguidade, com demandas que fogem dos assuntos tradicionalmente abordados e abrindo espaço para debates que envolvem outras facetas da sociedade antiga, como as que lançam luz sobre sujeitos até então invisibilizados na construção do discurso histórico. Com isso, percebe-se que o ensino de história é complexo, não podendo se restringir a fazer com que os alunos decorem datas e acontecimentos, mas, que façam uso do que foi aprendido para a criação de uma consciência histórica, fazendo com que se possa compreender a atualidade e se perceba a influência do passado, por mais distante que seja, no mundo moderno.

No que se refere à mitologia grega em sala de aula, Guilherme Moerbeck<sup>38</sup> faz uma análise sobre a possibilidade de criação de um ambiente provedor de uma consciência histórica partindo das narrativas míticas. De acordo com o autor, o trabalho com tais narrativas pode proporcionar uma nova interpretação do mundo partindo das crenças da antiguidade, evidenciando através de uma experiência pedagógica a necessidade de submeter os alunos a dinâmicas que diferem das abordagens tradicionais do ensino, geralmente restritas à exposição dos conteúdos.

---

<sup>35</sup> FUNARI, Pedro Paulo. História Antiga. A renovação da História Antiga. In: KARNAL, Leandro (org.). **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. 5ª ed. São Paulo: Contexto, 2007, p. 95-108.

<sup>36</sup> SILVA, Semíramis Corsi. Idem, p. 145-154.

<sup>37</sup> FUNARI, Pedro Paulo A.; GARRAFFONI, Renata Senna. Idem, p. 95-107.

<sup>38</sup> MOERBECK, Guilherme. História Antiga no ensino fundamental: um estudo sobre os mitos gregos e a consciência histórica. **História Hoje**, v.7, n.13, p.225-247, 2018.

Tais debates, assim como as discussões sobre a importância da permanência da Antiguidade no currículo brasileiro de História,<sup>39</sup> são cruciais para que se compreenda a necessidade de uma renovação da História Antiga em sala de aula com o objetivo de dinamizar as aulas. Além disso, ao analisar a obra de Tânia Maria Braga Garcia e Maria Auxiliadora Schimidt<sup>40</sup>, pode se dar ênfase à inclusão de metodologias que despertem a curiosidade do aluno durante o processo de aprendizagem, utilizando métodos de investigação para isso. É necessário, para que o ensino em sala de aula seja proveitoso, que a História possa proporcionar a construção de um conhecimento histórico<sup>41</sup> que dê sentido ao ensino.

No que concerne aos usos do passado, Moerbeck<sup>42</sup> critica a experiência do ensino de História Antiga que se limita à herança, à tradição ocidental ou à uma série de eventos e personagens heroicos que se encontram em um passado distante, argumentando sobre a possibilidade de o ensino da Antiguidade ser mais oportuno quando dialogar com problemáticas referentes a atualidade. Assim, Moerbeck faz a proposição de que a partir dessa perspectiva a Antiguidade será mais relevante no ensino. Conforme o autor, o ensino de história antiga deve partir da necessidade da escola e da sociedade, e, para que isso ocorra, deve existir por parte dos acadêmicos a preocupação em desenvolver pesquisas relevantes para o ensino de antiguidade, investigações que estejam relacionadas ao universo dos estudantes.

## 2.4 Percy Jackson na sala de aula

Os clássicos, como a *Ilíada* e a *Odisséia*, são relevantes para a compreensão da mitologia grega, contudo, não é necessário recorrer apenas a essas leituras para ter acesso aos mitos gregos. No que se refere ao público jovem e infanto-juvenil, a leitura de clássicos pode, inclusive, desestimular a leitura, principalmente devido à linguagem utilizada. Nesse sentido,

---

<sup>39</sup> SANTOS, Dominique Vieira Coelho. O ensino de História Antiga no Brasil e o debate da BNCC. **Outros Tempos: Pesquisa em Foco-História**, v. 16, n. 28, 2019, p. 128-145.

<sup>40</sup> GARCIA, Tânia Maria Braga; SCHIMIDT, Maria Auxiliadora. O trabalho histórico na sala de aula. **História e Ensino**. Londrina, v. 9, out. 2003, p. 219-238.

<sup>41</sup> Segundo Cristiani Bereta da Silva, “A partir dos conhecimentos históricos que apreende, o estudante tem oportunidade de estabelecer relações entre distintas temporalidades e experiências, desenvolvendo habilidades de articular e estabelecer conexões entre os acontecimentos históricos (locais, regionais e nacionais) e a história vivida no tempo presente.” SILVA, Cristiani Bereta da. **CONHECIMENTO HISTÓRICO ESCOLAR** in: FERREIRA, Marieta de Moraes & OLIVEIRA, Margarida Maria Dias (coordenação). Dicionário de Ensino de História. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2019, p. 50-54.

<sup>42</sup> MOERBECK, Guilherme Gomes. Em defesa do ensino da História Aniga nas escolas contemporâneas: Base Nacional Curricular Comum, usos do passado e pedagogia decolonial. **Brathair-Revista de estudos celtas e germânicos**, v. 21, n. 1, 2021.

como alternativa, Cardoso e Regino pontuam que: “As adaptações e atualizações oferecem uma leitura atraente e envolvem o jovem, ajudando-o a formar o hábito de ler.”<sup>43</sup>

Em sala de aula, a literatura é importante para o ensino-aprendizagem, pois exercita a leitura e interpretação de textos. Indo além do fator educacional, ela também pode ser uma ação prazerosa e significativa, possibilitando o surgimento de uma leitura crítica da realidade. Desse modo, a literatura proporciona benefícios tanto quando utilizada no ambiente escolar quanto além dele<sup>44</sup>. Assim, compreende-se que a literatura no ensino de história pode contribuir para o desenvolvimento da aula, proporcionando maior interesse do discente pelo conteúdo apresentado, a partir da utilização do imaginário e da ficção, o que tornaria a obtenção de conhecimento em sala de aula menos cansativo, pois com a literatura infanto-juvenil<sup>45</sup>, a aula partiria de produtos culturais consumidos pelos discentes e adequados para sua faixa etária. Sobre o tema, Ayrton Polini também defende o uso da literatura em sala de aula a partir da atratividade pelo conto, fábulas, mitos e tragédias, recorrentes desde a Antiguidade, e faz a seguinte contribuição

Todavia, apesar de desempenhar um papel menos importante na nossa civilização [...] a narrativa não perdeu seu caráter profundamente sedutor, dada a sua função implicitamente estruturante do pensamento e da linguagem, nem as suas virtualidades pedagógicas, dada a sua acessibilidade, mesmo para as crianças da mais tenra idade<sup>46</sup>.

Refletindo sobre a necessidade de criar uma cartilha pedagógica que direcionasse os estudos de história antiga para os professores da educação básica, diante a escassez de produções de materiais didáticos que possam nortear o ensino, Dandara Perlin Pereira e Semíramis Corsi Silva pontuam que existe a imposição através das diretrizes curriculares nacionais, de que o ensino seja relevante para os alunos, enfatizando a negligência dos professores ao garantir essa questão, principalmente no que se refere a obtenção do interesse dos alunos e a exposição de temas relevantes para o exercício da cidadania. Consoante a isso, ao tratar da mitologia grega, os autores destacam o interesse da população em geral pelas

---

<sup>43</sup>CARDOSO, Anna Carolyna Ribeiro; DE REGINO, Sueli Maria. “Percy Jackson e os Olimpianos’: mito, literatura e educação. **Cadernos de Letras da UFF**, v. 26, n. 52, 2016, p. 297.

<sup>44</sup>IBIAPINA, Francisca Sousa et al. A literatura no processo ensino-aprendizagem como função emancipatória humana. 2019, p. 298.

<sup>45</sup>Segundo Regina Zilberman, literatura infanto-juvenil é a que se destina a crianças e jovens, esse gênero literário surge a partir da compreensão de que a infância é uma faixa etária diferenciada e exige cuidados especiais e atendimento particularizado. ZILBERMAN, Regina. Introduzindo a literatura infanto-juvenil. **Perspectiva**, v. 2, n. 4, 1985, p. 98-102.

<sup>46</sup>MATTOSO, José. A importância do texto literário no ensino da História. In: **Encontro sobre Literatura para Crianças e Jovens**. 2000, p. 140.

produções que a tem como base, que incluem filmes, jogos, livros e outros, assim, constata-se que: “focando em um assunto que causa curiosidade, é possível tornar a História prazerosa para alunas e alunos da Educação Básica”<sup>47</sup>

Retomando Hardwick ao tratar da recepção dos clássicos, entende-se que a acessibilidade às fontes é uma problemática ao estudar a Antiguidade, pois o contato tido com o clássico é a partir das interpretações, nesse sentido, o campo das recepções se torna evidente, já que para estudar os clássicos inevitavelmente se é exposto a ele. Desse modo, buscando reivindicar o campo das recepções para ser discutido em sala de aula, nota-se a possibilidade de partir de uma interpretação sobre mitologia feita especialmente para o público infanto-juvenil, pois *Percy Jackson e os Olimpianos – O Ladrão de Raios*, a priori, pode não ter sido escrito para que professores de história usassem como referência em sala de aula, mas para o educador que visa captar o interesse do aluno ao tratar do clássico, partir dessa obra utilizando da recepção para produzir um diálogo entre passado e presente, pode se mostrar uma alternativa relevante.

Rick Riordan, desde a primeira página de seu livro, apresenta recursos textuais que captam a atenção do leitor, por exemplo, ao narrar a problemática que ser um meio-sangue na atualidade acarreta, cita que: “Se você é uma criança normal, que está lendo isto porque acha que é ficção, ótimo. Continue lendo. Eu o invejo por ser capaz de acreditar que nada disso aconteceu”<sup>48</sup>. Riordan se comunica diretamente com o público infanto-juvenil, por meio de uma linguagem dialógica, fazendo uma analogia sobre a concepção do mito como narrativa ficcional e, ainda assim, supondo a existência do universo mitológico. Com essa discussão, é possível compreender a face perigosa da mitologia grega, pois é evidenciado que ser um meio-sangue é perigoso e assustador, buscando cativar o público, pois, segundo o narrador, se alguém ler e se identificar com o que está escrito, “eles” – os monstros da mitologia que perseguem o próprio Percy Jackson – vão lhe buscar.

*Percy Jackson e os Olimpianos – O Ladrão de Raios* pode ser vista com potencial para ser utilizada em sala de aula durante a discussão de História sobre a Antiguidade Clássica, sendo escrita de modo que entrelaça o clássico e o moderno em uma releitura sobre a mitologia grega. Joanna Paul<sup>49</sup>, ao analisar os livros, enfatiza que as suas adaptações sobre a mitologia

---

<sup>47</sup> SILVA, Semíramis Corsi. “POR UMA HISTÓRIA PRAZEROSA E CONSEQUENTE: MITOLOGIA GREGA, GÊNERO E DOCUMENTOS HISTÓRICOS EM SALA DE AULA. In: **2º Compartilhando Saberes**, 2018, Santa Maria. Anais do 2º Compartilhando Saberes, 2018, p. 4.

<sup>48</sup> RIORDAN, Rick. Idem, p. 9.

<sup>49</sup> PAUL, Joanna. Myth, Creativity, and the Mind. In: ZAJKO, Vanda; HOYLE, Helena (Ed.). **A handbook to the reception of classical mythology**. John Wiley & Sons, 2017.

são feitas de modo coerente e evidencia uma reflexão sobre a necessidade dessas reinterpretações tentarem criar um vínculo com o leitor. Com isso, se torna muito mais fácil fazer com que haja uma maior receptividade da mitologia clássica, pois ao enquadrá-la em um cenário moderno que traz familiaridade ao leitor, surge uma possibilidade maior de que o aluno possa se interessar mais sobre a temática, algo que Riordan preza em suas obras. Nessa tentativa de tornar a mitologia atrativa, se enquadra a análise de Lorena Costa, pois cita que o mito é modificado para “servir a um novo produto”<sup>50</sup>. Pensando a criação da fonte debatida nesta pesquisa, a modificação feita sobre o antigo foi para torná-lo capaz de ser consumido pelos leitores juvenis.

Sobre a receptividade da mitologia clássica no mundo moderno, cita-se a reação de Percy Jackson ao descobrir que os mitos gregos, conhecidos por ele até o momento apenas em histórias, eram reais e existiam na atualidade, o que evidencia o trabalho do autor em manifestar a tendência de receptividade da mitologia grega, constantemente associada a narrativas e contos absurdos e irreais:

- Mas são histórias - disse eu. - São... mitos, para explicar os relâmpagos, as estações e tudo mais. Era nisso que as pessoas acreditavam antes de surgir a ciência. - Ciência! - zombou o sr. D. - E diga-me, Perseu Jackson - eu me encolhi quando ele disse meu nome verdadeiro, que nunca contara a ninguém -, o que as pessoas pensarão da sua “ciência” daqui a milhares de anos? Humm? Irão chamá-la de baboseiras primitivas. É isso o que irão pensar<sup>51</sup>.

Nesse viés, Riordan descreve a forma que o mito é visto na sociedade contemporânea, fomentando para o debate proposto pelo campo dos estudos da recepção, assim como pode ser analisado a partir da discussão proposta por Veyne, pois o historiador expõe que a verdade sobre os mitos é uma questão complexa, que foi amplamente questionada com a incorporação da ciência a veracidade dos fatos passa a ser considerada pelos historiadores. Lembra-se, ainda, que Vernant expõe o afastamento dos historiadores em relação a análise da religião grega na historiografia do século XX, considerando a problematização das fontes.

Tal apontamento surge a partir da leitura da obra literária, possibilitando o debate sobre a construção da narrativa histórica a partir das fontes, assim como o ofício do historiador. Dessa forma, outro aspecto que pode ser problematizado surge quando, na obra, há uma visita a um museu, e Percy Jackson é questionado pelo Sr. Brunner, seu professor de Latim, sobre a origem do mundo a partir da mitologia grega:

---

<sup>50</sup> COSTA, Lorena Lopes da. Idem, p. 13.

<sup>51</sup> RIORDAN, Rick. Idem, p. 76.

- Você precisa aprender a responder à minha pergunta - disse ele.
- Sobre os titãs?
- Sobre a vida real. E como seus estudos se aplicam a ela.
- Ah.
- O que você aprende comigo - disse ele - é de uma importância vital. Espero que trate o assunto como tal<sup>52</sup>.

Nesse trecho, o professor, que na trama era Quíron, é um centauro disfarçado que já suspeitava da importância de Percy como semideus. Ele refere-se à necessidade de o protagonista conhecer a antiguidade para aplicabilidade em sua própria vida, antecipando os riscos que a personagem enfrentaria estando na posição de semideus. Entretanto, ao discorrer sobre a forma como os estudos se aplicam na realidade do jovem herói, é possível estabelecer perspectivas acerca do ensino de história atualmente. Compreende-se que o trecho permite a discussão sobre a necessidade de fazer com que o objetivo das aulas de história seja significativo para o aluno, sendo a aprendizagem significativa relacionada às experiências de vida do estudante. Tal proposta pedagógica busca que o aluno em sala de aula não veja a História, e os saberes escolares em geral, como algo distante e seu conhecimento como algo puramente de erudição e sem implicações no cotidiano vivido<sup>53</sup>. A problemática apresenta-se com mais evidência no que se refere ao estudo da antiguidade, com frequência vista como irrelevante por propor o estudo de sociedades muito longínquas. Desta maneira, é necessário, como alternativa de superação do quadro mencionado, que haja maior atenção do docente para explicitar as relações entre passado e presente, assim como para demonstrar a importância da civilização grega para discutir aspectos da contemporaneidade e o processo de construção histórica do mundo contemporâneo.

Nesse sentido, deve-se compreender que Riordan não faz com que o leitor tenha a necessidade de imaginar um passado tão distante como o pertencente à Antiguidade Clássica, mas busca aproximar esse passado da realidade moderna. Ressaltamos esse aspecto como crucial para utilização em sala de aula no ensino de História Antiga, pois o contato do discente com essa obra, exclusivamente voltada ao público infanto-juvenil, não só tem o potencial de dinamizar as aulas, como de fomentar interesse dos alunos sobre a temática.

---

<sup>52</sup> Ibidem, p.15.

<sup>53</sup> CIAMPI, Helenice. O processo de conhecimento/pesquisa no ensino de história. **História & Ensino**, Londrina, v.9, out. 2003, p. 128-129; SEFFNER, Fernando. Aprendizagens significativas em História: critérios de construção para atividades em sala de aula. In: PEREIRA, Nilton Mullet; GIACOMONI, Marcello Paniz (Org.). **Jogos no ensino de história**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2018, p. 35-46.

Anteriormente, foi citado que Veyne evidencia que existem dois meios de se escrever a história, sendo um capaz de proporcionar informações e outro divertimento. Assim, observa-se que não deveria haver barreiras que visem distanciar informação e divertimento, pois, no contexto escolar, ao propor um debate em sala de aula que utilize, por exemplo, a literatura infanto-juvenil, se houver um acompanhamento adequado do docente ao incitar uma problematização da obra e um debate feito pelos discentes, a aula será mais proveitosa.

Garcia e Schimidt, assim como Silva e Pereira, dão ênfase à inclusão de métodos que despertem a curiosidade do aluno durante o processo de aprendizagem, discorrendo sobre a necessidade de dar sentido ao ensino em sala de aula, para que ele possa proporcionar a construção do conhecimento histórico. Além disso, as autoras ressaltam o resultado positivo obtido quando é buscado a inserção de métodos que despertem o interesse e curiosidade dos alunos ao longo do processo de ensino-aprendizagem<sup>54</sup>. Dessa forma, compreender a construção da recepção da mitologia grega a partir de uma obra voltada ao público infanto-juvenil, demonstra a aplicabilidade da investigação histórica a partir da cultura consumida pela sociedade.

Como explica Funari<sup>55</sup>, ir além da utilização de livros didáticos em sala de aula, e usufruir de análises que diferem da abordagem tradicional de ensino, se apropriando de outros materiais como fonte, faz com que ocorra a aproximação do aluno com a temática proposta no ambiente escolar, pois parte do conhecimento que o discente possui sobre o tema. Corroborando com essa percepção, ao voltar o debate sobre a fonte, destaca-se que Percy Jackson, ao discorrer sobre o seu desempenho no ambiente escolar durante a disciplina de Latim, cujo professor era o Sr. Brunner, cita que: “Talvez você não o achasse legal, mas ele contava histórias e piadas e nos deixava fazer brincadeira em sala. Também tinha uma impressionante coleção de armaduras e armas romanas, portanto, era o único professor cuja aula não me fazia dormir”<sup>56</sup>. Assim, o próprio texto literário demonstra o retorno positivo tido pelo aluno quando o professor se apropria de dinâmicas que se diferem da tradicional para captar o interesse do aluno.

Ao se deparar com o Minotauro<sup>57</sup>, Percy Jackson o reconhece com facilidade, pois explica que “tinha sido uma das primeiras histórias que o sr. Brunner nos contara. Mas ele não podia ser real”<sup>58</sup>. Nessa citação o protagonista demonstra compreender algo da sua vida a partir

---

<sup>54</sup> GARCIA, Tânia Maria Braga; SCHIMIDT, Maria Auxiliadora. O trabalho histórico na sala de aula. **História e Ensino**. Londrina, v. 9, out. 2003, p. 219-238.

<sup>55</sup> FUNARI, Pedro Paulo A. Idem, 2007.

<sup>56</sup> RIORDAN, Rick. Idem, p. 10.

<sup>57</sup> Monstro que é meio homem, meio touro, no livro é chamado de homem-touro. Na mitologia grega foi morto pelo herói Teseu no labirinto de Dédalo.

<sup>58</sup> RIORDAN, Rick. Idem, p. 59.

do que foi aprendido em sua trajetória escolar, algo que, como já foi exposto, é uma problemática crucial e atual para os professores de História. Desta forma, a análise do trecho direcionada pelo professor em sala de aula, pode fazer com que o aluno perceba que, assim como o protagonista pôde relacionar o conteúdo aprendido em sala de aula com algo de sua vida, eles também podem praticar esse exercício analisando seu cotidiano, o que irá proporcionar sentido ao ensino de história.

A civilização ocidental é tratada na fonte como uma “força viva”, sendo que sua existência se relaciona diretamente com os deuses, e, por isso, eles ainda se mantêm vivos, e se manterão assim até que a civilização ocidental se extinga. Dessa forma, Riordan explica que essa “chama” do Ocidente teve seu início na Grécia Antiga, tendo se mudado para Roma e sido modificada, como no caso dos deuses gregos, que foram assimilados e reinterpretados pelos romanos. Assim, o autor explica que os deuses se deslocam pela história do Ocidente, tendo estado na Alemanha, França, Espanha e, atualmente, em Nova York, onde a chama se mantém mais forte, segundo o Riordan. Portanto, a obra expõe que existem interpretações da antiguidade grega na sociedade contemporânea e, a partir disso, é possível desencadear uma reflexão sobre a influência da Grécia Antiga em diversos aspectos do Ocidente.

Tudo que você precisa é olhar para a arquitetura. As pessoas não esquecem os deuses [...] Olhe para o símbolo do país, a águia de Zeus. Olhe para a estátua de Prometeu no Rockefeller Center, para as fachadas dos edifícios governamentais em Washington. Eu o desafio a encontrar cidade americana onde os olímpianos não estejam proeminentemente expostos em vários locais. Goste ou não – e acredite, uma porção de gente não gosta muito de Roma também–, os Estados Unidos são agora o coração da chama. É a grande potência do Ocidente. E, portanto, o Olimpo é aqui. E nós estamos aqui<sup>59</sup>.

Deve-se notar que o próprio autor, mesmo que modificando aspectos dos mitos para se enquadrarem na contemporaneidade e serem mais atrativos para o consumo do leitor, constantemente faz um diálogo de sua obra com a versão original da mitologia grega, por exemplo, quando Percy se depara com o Minotauro, logo após fazer uma reflexão sobre o fato dele já ter sido morto nos mitos; quando se depara com a Medusa<sup>60</sup>, que na história é conhecida como tia Eme, dona do Empório de Anões de Jardim, que na verdade eram seres vivos petrificados, Percy tenta se recordar do que aprendeu em suas aulas sobre como ela foi morta: “Pense, como foi que a Medusa morreu no mito? Mas eu não conseguia pensar. Algo me dizia

---

<sup>59</sup> RIORDAN, Rick. Idem, p. 81.

<sup>60</sup> Medusa era humana e namorada de Poseidon, mas ao se encontrar com ele no templo de Atena foi transformada em uma Górgona com poder de petrificar quem a olhar nos olhos. Idem, p. 193.

que a Medusa do mito estava dormindo quando foi atacada pelo meu xará, Perseu”<sup>61</sup>, quando se encontra com Ares<sup>62</sup> e se debruça na problemática do relacionamento dele com Afrodite<sup>63</sup>, mesmo que nas histórias ela seja casada com Hefesto<sup>64</sup>; quando Annabeth, ao ter que lidar com aranhas durante a missão, faz referência a história da Aracne, que desafiou Atena<sup>65</sup> em uma competição de tecelagem e acabou sendo transformada em aranha, o que explica o medo da filha de Atena de aranhas.

Assim, destacamos diversas formas de recepções observadas durante a análise da fonte que podem ser utilizadas como ponto de partida para debates em sala de aula. Com isso, concluímos que a gama de possibilidades propostas podem ser relevantes para construção de conhecimento histórico e, por mais que reivindicar de fontes não-tradicionais de ensino seja um desafio, discutir sobre a antiguidade de forma proveitosa requer empenho e criatividade. A inserção do mito, algo popularmente conhecido, e da recepção, podem contribuir de forma positiva no processo educacional, principalmente no que se refere à literatura.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa visou compreender se havia a possibilidade de se apropriar de uma obra da literatura infanto-juvenil para construção de um conhecimento referente a Antiguidade Clássica em sala de aula, partindo de aspectos cruciais sobre o mito, religião e recepção dos clássicos, para assim se debruçar sobre algumas propostas de debates partindo da fonte. No decorrer desse processo, percebeu-se que discutir sobre questões específicas a respeito de mito e o relacionar com uma obra voltada ao público infanto-juvenil para dar propósito a esse debate não é uma tarefa simples. Assim como pontuado ao discorrer sobre a necessidade do esforço docente de tornar os assuntos da antiguidade atrativos para o discente, este trabalho almejou promover uma reflexão sobre um ensino de história antiga que se difere do tradicional, buscando a possibilidade de um ensino que dialogue com as relações passado e

---

<sup>61</sup> Idem, p. 187.

<sup>62</sup> “Deus da guerra, filho de Zeus com Hera e meio irmão de Atena. [...] Ares não era casado e vivia constantemente encantado pela deusa Afrodite, o que muito irritava o marido dela, Hefesto.” RIORDAN, R. Percy Jackson e os Olimpianos: Guia Definitivo. 2012, p. 68.

<sup>63</sup> “Deusa do amor e da beleza. Era casada com o ferreiro manco Hefesto, mas amava Ares, o deus da Guerra” Idem, p. 72.

<sup>64</sup> Deus do fogo, do artesanato e dos ferreiros. Idem, p. 74.

<sup>65</sup> “Deusa da sabedoria, do ofício e da guerra.” Idem, p. 70.

presente, não obstante, torne a História algo a despertar o interesse dos alunos, para que haja a formação da consciência histórica.

A partir das contribuições de Vernant e Veyne para o entendimento acerca da mitologia grega, que é de suma importância para a Antiguidade Clássica, compreende-se a interferência do mito nas diferentes esferas da sociedade grega e a percepção de verdade que os gregos possuíam a seu respeito, sendo possível entender a complexidade da mitologia nesses aspectos. Assim, entende-se que a mitologia grega tem diversas facetas a serem analisadas, sendo imprescindível para a compreensão de toda a composição da Antiguidade Clássica, além disso, possui grande potencial de ser trabalhada na educação básica ao ser associada com fontes que não se enquadram na dinâmica tradicional de ensino de História.

Partindo da concepção de que as obras literárias são fontes que carregam consigo diversas contribuições para o entendimento de fatores da sociedade na qual foi construída, e ciente que a fonte desse projeto não tem como objetivo documentar algo verídico e nem relação com a produção científica, buscou-se evidenciar suas possibilidades de uso como recurso didático no ensino de História. Nessa via, percebeu-se, a partir da análise sobre recepções da antiguidade, que mesmo obras que não foram produzidas com o intuito de serem utilizadas para promoção do ensino, podem ser de grande valia.

A atratividade que o mito grego possui na contemporaneidade é perceptível com uma breve análise na produção de diversos materiais culturais, como o cinema e a literatura, dessa forma, para tornar o ensino de história prazeroso, pode-se apropriar dessas produções para discussão em sala de aula. Desse modo, cabe ao educador buscar meios que aproximem a História Antiga do aluno, analisando a relação que o passado tem com o presente, assim como trabalhar a mitologia grega e a sua importância.

Neste trabalho, não só buscou-se discutir fatores que compõem os mitos gregos, mas enfatizar que o uso de obras da literatura infanto-juvenil, como o exemplo de *Percy Jackson e os Olimpianos*, podem ser o meio para introduzir o aluno ao universo repleto de mitos que existiu na Grécia, agregando suas apropriações contemporâneas e despertando interesse tanto para o tema, quanto para a leitura. Demonstrou-se, ainda, que o processo de aprendizagem não deve se restringir aos métodos tradicionais de ensino, podendo se abrir ao universo literário da mitologia.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKOIANNI, Anastasia. O que há de tão ‘clássico’ na recepção dos clássicos? Teorias, metodologias e perspectivas futuras. **Codex: Revista de Estudos Clássicos**, v. 4, n. 1, 2016.

CARDOSO, Anna Carolyna Ribeiro; DE REGINO, Sueli Maria. “Percy Jackson e Os Olímpianos”: Mito, Literatura e Educação. **Cadernos de Letras da UFF**, v. 26, n. 52, 2016.

COSTA, Lorena Lopes da. Heróis antigos e modernos: a falsificação para se pensar a história. 1. ed. Belo Horizonte: **Fino Traço**, 2018.

DA COSTA, Lorena Lopes. Penélope e seu kéos na nova Odisseia de Margaret Atwood. **Heródoto: Revista do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre a Antiguidade Clássica e suas Conexões Afro-asiáticas**, v. 7, n. 1, 2022.

DETIENNE, Marcel. Gregos e nós (Os). Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: **Edições Loyola**, 2008.

FUNARI, Pedro Paulo A.; GARRAFFONI, Renata Senna. História Antiga na sala de aula. **Textos Didáticos**, n. 51, 2004.

FUNARI, Pedro Paulo. História Antiga. A renovação da História Antiga. In: KARNAL, Leandro (org.). História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas. 5ª ed. São Paulo: **Contexto**, 2007.

GARCIA, Tânia Maria Braga; SCHIMIDT, Maria Auxiliadora. O trabalho histórico na sala de aula. **História e Ensino**. Londrina, v. 9, out. 2003.

GONÇALVES, Ana Teresa Marques. Entre o pão e o circo: Paul Veyne e a história conceitual. In: SILVA, Glaydson José da; CARVALHO, Alexandre Galvão (org.). Como se escreve a história da antiguidade. São Paulo: **Editora da Unifesp**, 2021, ebook.

HARDWICK, Lorna. Reception studies. Oxford: **Oxford University Press**, 2003.

IBIAPINA, Francisca Sousa et al. A literatura no processo ensino-aprendizagem como função emancipatória humana. 2019.

JOLY, Fábio Duarte. Jean-Pierre Vernant. In: LOPES, M. A.; MUNHOZ, S. J. (Orgs.). Historiadores de nosso tempo. São Paulo: **Alameda**, 2010, p. 173-192.

LEITE, Priscilla Gontijo. Ensino de História, Reformas do Ensino e Percepções da Antiguidade: apontamentos a partir da atual conjuntura brasileira. **Mare Nostrum**, v. 8, n. 8, 2017.

MARTINDALE, Charles. Reception – a new humanism? Receptivity, pedagogy, the transhistorical. **Classical Receptions Journal**, v. 5, n. 2, p. 169-183, 2013.

MARTINDALE, Charles. Thinking Through Reception: Introduction. In: MARTINDALE, Charles; THOMAS, Richard (ed.). Classics and the Uses of Reception. Malden: **Blackwell Publishing**, 2006.

MATTOSO, José. A importância do texto literário no ensino da História. In: **Encontro sobre Literatura para Crianças e Jovens**, 2000.

MOERBECK, Guilherme Gomes. Em defesa do ensino da História Antiga nas escolas contemporâneas: Base Nacional Curricular Comum, usos do passado e pedagogia decolonial. **Brathair-Revista de estudos celtas e germânicos**, v. 21, n. 1, 2021.

MOERBECK, Guilherme. História Antiga no ensino fundamental: um estudo sobre os mitos gregos e a consciência histórica. **História Hoje**, v.7, n.13, 2018, p.225-247.

MOSSÉ, Claude. Mitologia. In: Dicionário da Civilização grega. Rio de Janeiro: **Jorge Zahar Editor**, 2004, p. 203-204.

PAUL, Joanna. Myth, Creativity, and the Mind. In: ZAJKO, Vanda; HOYLE, Helena (Ed.). A handbook to the reception of classical mythology. **John Wiley & Sons**, 2017.

RIORDAN, Rick. O ladrão de raios. Trad. Ricardo Gouveia. 3. ed. Rio de Janeiro: **Intrínseca**, 2014.

RIORDAN, R. Percy Jackson e os Olimpianos Tradução de Edmundo Barreiros. São Paulo: **Intrínseca**, 2012. p. 67.

RODRIGUES, Renata Cardoso Belleboni. Um homem, muitos nomes, diferentes métodos, uma Grécia: à vernantiana. In: SILVA, Glaydson José da; CARVALHO, Alexandre Galvão (org.). Como se escreve a história da antiguidade. São Paulo: **Editora da Unifesp**, 2021, ebook.

SILVA, Cristiani Bereta da. Conhecimento Histórico Escolar in: FERREIRA, Marieta de Moraes & OLIVEIRA, Margarida Maria Dias (coordenação). Dicionário de Ensino de História. Rio de Janeiro: **Editora FGV**, 2019, p. 50-54.

SANTOS, Dominique Vieira Coelho. O ensino de História Antiga no Brasil e o debate da BNCC. **Outros Tempos: Pesquisa em Foco-História**, v. 16, n. 28, p. 128-145, 2019.

SILVA, Glaydson José da; FUNARI, Pedro Paulo; GARRAFFONI, Renata Senna. Recepções da Antiguidade e usos do passado: estabelecimento dos campos e sua presença na realidade brasileira. **Revista Brasileira de História**, v. 40, p. 43-66, 2020.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. Mito. Dicionário de conceitos históricos. São Paulo: **Editora Contexto**, 2010.

SILVA, Semíramis Corsi. Aspectos do ensino de história antiga no Brasil: algumas observações. **Alétheia-Estudos sobre Antiguidade e Medieval**, v. 1, n. 1, 2010.

SILVA, Semíramis Corsi. “Por Uma História Prazerosa e Consequente: Mitologia Grega, Gênero e Documentos Históricos Em Sala De Aula. Santa Maria: **2º Compartilhando Saberes**, 2018.

VARGAS, Anderson. Charles Martindale: a recepção da Antiguidade e os estudos clássicos. In: SILVA, Glaydson José; CARVALHO, Alexandre Galvão (Org.). Como se escreve a história da Antiguidade: olhares sobre o antigo. São Paulo: **Editora UNIFESP**, 2021.

VERNANT, Jean-Pierre. Mito e religião na Grécia Antiga. São Paulo: **Martins Fontes**, 2009.

VEYNE, Paul. Acreditavam os gregos em seus mitos? São Paulo: **editora da Unesp**, 2014.

ZILBERMAN, Regina. Introduzindo a literatura infanto-juvenil. **Perspectiva**, v. 2, n. 4, 1985, p. 98-102.